Cultura

Jornal Angolano de Artes e Letras

29 de Agosto a 10 de Setembro de 2018 | Nº 168 | Ano VI • Director: José Luís Mendonça • ..... Kz 50,00

PATRIMÓNIO CULTURAL Pág. 12

Rua dos Mercadores erguida do esquecimento

ECO DE ANGOLA Pág. 3 e 5

O FUTURO DAS LÍNGUAS NACIONAIS

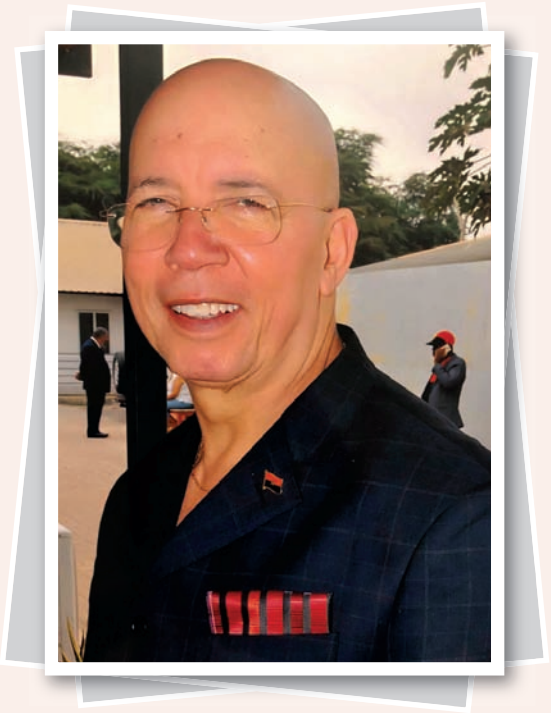
LETRAS Pág. 6 a 9

CEM NEOLOGISMOS QUIMBUNDOS ORIUNDOS DA LÍNGUA PORTUGUESA

ARTES Pág. 11

NDAKA YO WIÑI CANTA "OLUKWEMBO"

POEMA DE F. TCHIKONDO



Tarde cinzenta de Luanda

É bom sentir o nada fazer
do cinzento Luanda domingo.
Neste cacimbo morno me envolver
nas nuvens das tardes olhar
e na segunda feira ir trabalhar,
na certeza do sol vir a brilhar.

Este meu domingo cinzento
não é de cinza fria do mundo.
Este é tropical e romântico
tem o calor do beijo carnudo
a voz do Yanick que diz tudo
porque é filosofia e é cântico,
poesia do meio sol brilhântico
sabedoria da cultura batuque.

Este cinzento dos encantos
do mufete e das conversas,
das disputas e da confusão;
do amor alheio que dá sinal
e promete beijos no escuro
entre as chapas e o quintal.

Este cinza bom da tarde a acabar
dos amigos na porta que não vão
e da ansiedade inquietante da sessão
para a noite que vem hiper de tensão.

Te quero minha cinzenta Luanda
quente no gemido suado da Kianda

Não és inverno nem verão
és mais que qualquer estação
és única, és rap, és canção
és luz, és sombra, és ilusão.
és o segredo do meu coração.

Mupas, 25/8/18

_____

F. Tchikondo é o pseudónimo de Francisco Queiroz, jurista, autor do livro de contos "O Semeador de Pedrinhas", UEA, 2015, militar na reserva e docente universitário emprestado à política.

Normas editoriais

O jornal Cultura aceita para publicação artigos literário-científicos e recensões bibliográficas. Os manuscritos apresentados devem ser originais. Todos os autores que apresentarem os seus artigos para publicação ao jornal Cultura assumem o compromisso de não apresentar esses mesmos artigos a outros órgãos. Após análise do Conselho Editorial, as contribuições serão avaliadas e, em caso de não publicação, os pareceres serão comunicados aos autores.

Os conteúdos publicados, bem como a referência a figuras ou gráficos já publicados, são da exclusiva responsabilidade dos seus autores.

Os textos devem ser formatados em fonte Times New Roman, corpo 12, e margens não inferiores a 3 cm. Os quadros, gráficos e figuras devem, ainda, ser enviados no formato em que foram elaborados e também num ficheiro separado.

Propriedade

EDIÇÕES NOVEMBRO E.P.
JORNAL DE ANGOLA | JORNAL DOS DESPORTOS

Sede: Rua Rainha Ginga, 12-26 | Caixa Postal 1312 - Luanda
Redacção 222 02 01 74 |Telefone geral (PBX): 222 333 344
Fax: 222 336 073 | Telegramas: Proangola
E-mail: ednovembro.dg@nexus.ao

Conselho de Administração
Victor Silva (presidente)

Administradores Executivos
Caetano Pedro da Conceição Júnior
José Alberto Domingos
Carlos Alberto da Costa Faro Molares D'Abril
Mateus Francisco João dos Santos Júnior

Administradores Não Executivos
Olímpio de Sousa e Silva
Catarina Vieira Dias da Cunha

Cultura
Jornal Angolano de Artes e Letras

Nº 167/Ano VI/ 14 a 27 de Agosto de 2018
E-mail: cultura.angolana@gmail.com
site: www.jornalcultura.sapo.ao
Telefone e Fax: 222 01 82 84

CONSELHO EDITORIAL

Director e Editor-chefe:
José Luís Mendonça
Editores:
Adriano de Melo e Gaspar Micolo
Secretária:
Ilda Rosa
Fotografia:
Paulino Damião (Cinquenta)
Departamento de Paginação:
Irineu Caldeira (Chefe), Adilson Santos (Chefe adjunto), Adilson Félix, Sócrates Simóns, Jorge de Sousa e Waldemar Jorge
Edição online: Adão de Sousa

Colaboram neste número:
Angola: Emanuel Alasvida, Estevão Ludi, F. Tchikondo, Hélder Simbad, Lito Silva, Mário Pereira

FONTES DE INFORMAÇÃO GLOBAL:
Afreaka, Africultures, Portal e revista de referência, Agulha Correio da Unesco, Modo de USAR & CO e Obvious Magazine

O futuro das línguas nacionais

Um olhar sobre o discurso à nação de 16 de Outubro de 2017 proferido pelo Presidente da República

ESTÊVÃO LUDI

Desde Agostinho Neto que Angola tem afirmado que «o uso exclusivo da língua portuguesa, como língua oficial, veicular e utilizável na nossa literatura, não resolve os nossos problemas. E tanto no ensino primário, como provavelmente no médio será preciso utilizar as nossas línguas». José Eduardo dos Santos reafirmou-o e João Lourenço no seu 1º discurso sobre o Estado da Nação voltou a reforçar esse compromisso político. Vontade política há. Chegou a hora e vez dos académicos se chegarem à frente. Compete às Instituições de Ensino Superior e Investigação avançarem para a dura realidade do terreno e abandonarem a comodidade dos seus gabinetes.

Mankeu Valente Mahumana

A comunicação é um dos elementos fundamentais que permite o desenvolvimento e sucesso de qualquer organização. Neste processo, a língua constitui a essência sem a qual não haveria harmonia entre os membros, pois ela transmite sentimentos, ideias e valores inerentes à vida comunitária. O seu reconhecimento e valorização devem constituir uma preocupação da parte dos membros que a adoptam.

No presente estudo, pretendemos analisar o futuro das línguas nacionais no nosso país, tendo como base os pronunciamentos do Presidente da República, General João Lourenço, no seu discurso sobre o Estado da Nação, proferido no dia 16 de Outubro de 2017. A nossa visão centra-se na questão sobre o reforço das línguas nacionais no ensino, uma preocupação que vem sendo levantada há décadas pelos dois antigos Presidentes, António Agostinho Neto e José Eduardo dos Santos. Não passando de simples intenções ao mais alto nível do Estado, estas línguas continuam a ostentar o mesmo lugar relegado anteriormente, antes da independência.

"As línguas nacionais durante a época colonial estavam confinadas ao seu âmbito regional, além de restringidas, eram desqualificadas para o uso nos meios urbanos de tal forma que a população urbana tinha vergonha de expressar-se na sua própria língua. A tendência da administração colonial de inculcar o paradigma da cultura europeia aos africanos levou a que ignorasse a existência das línguas nacionais, começando pela sua exclusão do sistema de ensino e dos meios de comunicação oficiais do país, relegando esse papel exclusivamente à missão cristianizadora."

(Coelho, 2004

Apud Chicumba, s /d, p. 243).

Deste modo, a política linguística acaba por constituir um imperativo em qualquer comunidade que se preze pela afirmação e consolidação dos seus paradigmas em termos culturais. Sem este dinamismo, não é possível construir uma Nação coesa e soberana, politicamente, muito menos Povos organizados culturalmente. Esta diferenciação, aqui levantada, prende-se com o facto de haver concepções diferentes ao falarmos por um lado de Nação como um só povo, num território uno e por outro lado dos vários Povos, cada um com uma cultura diferente o que dá substância ao conceito de país multicultural. Esta dicotomia, Nação com um só povo e País multicultural, é, entretanto, uma das razões que nos motivou a aprofundar este estudo, no sentido de elucidar alguns pontos viáveis relativos ao equilíbrio linguístico. Pensa-se que o bilinguismo traria tribalismo entre os vários povos que compõem Angola, mas, pelo contrário, pensamos nós, é um dos elementos para potenciar o indivíduo social e culturalmente e desse modo fortalecer o sentimento de pertença a um País, isto é, a um espaço politicamente coeso.

A influência da política linguística para um Estado

A ADOPÇÃO de estratégias linguísticas é uma necessidade que visa por um lado legitimar a autonomia social e política entre os cidadãos, internamente, por outro lado permitir a integração regional ou internacional. Em quase todos os povos do mundo, a colonização é um factor que marcou a história da humanidade desde a antiguidade. E ao longo do processo da sua evolução, cada comunidade foi adoptando uma ou mais línguas para facilitar a comunicação entre os seus membros.

A opção da língua do colonizador, para algumas opiniões, permitiu o rápido processo de unificação dos povos com diferentes modos de viver e falando línguas diferentes. Esta visão, por exemplo para Morais-Barbosa, Apud Leiria (2007, p. 2), tem algum cunho plausível.

«A oficialização de todas as línguas faladas num país representaria o regresso ao tribalismo e, portanto, à pulverização daquele, e a oficialização de uma só criaria graves problemas políticos ao ferir susceptibilidades dos grupos étnico-linguísticos desfavorecidos».

Tal posição defende Da Silva (2010, s/p), porque evitaria problemas já que considera a língua do colonizador como língua neutra, ao contrário do que aconteceria com a escolha de uma língua africana do país como oficial, o que traria como consequências a valorização e ascensão de um grupo étnico perante os demais.

Com certeza, com os países africanos, em especial os de língua portuguesa, não foi diferente. No entanto, muito antes de alcançarem as independências, assumiram o português como língua para alfabetizar as populações. Esta posição foi assumida no 1º Festival Cultural Pan-Africano em Argel, em 1969, por Amílcar Cabral, Chefe da delegação do PAIGC (Partido Africano para a Independência da Guiné e Cabo Verde) e porta-voz dos outros movimentos de libertação de Angola e Moçambique. Estes líderes, conforme sublinha Fonseca (2012, s/p), consideravam que a diversidade linguística de seus países não permitiria constituir «uma nação coesa política e culturalmente e que pudesse dialogar com o mundo, dentro e fora de África, sobretudo porque a partir da independência teriam que dialogar com diversas organizações internacionais e diferentes Estados».

Esta posição assumida não foi má, pelo contrário, tal como referimos acima, as nações independentes conseguiram unir os seus povos em torno de uma mesma causa - a edificação dos

ideais de defesa da nação e não dos seus lugares de pertença. Pois, se tivessem tido em conta o lugar de pertença, os líderes teriam adoptado também as línguas locais, oficializando-as para que cada falante se sentisse partícipe. Ao procurar reconstruir o sentido de pertença, as línguas indígenas teriam sido postas em causa para que o sentimento nacionalista defendido tivesse êxito. Como se sabe, a língua concebida de forma exclusiva no ensino pode impedir a ideia de autoridade e dos processos de identificação do indivíduo no seu lugar de pertença. A escola, neste caso, arrasta consigo uma força de nivelamento que a torna uma poderosa arma ao serviço das elites que corporizam o Poder Central dos Estados.

«[A escola promove] a formação de "clones", ou seja, indivíduos que se expressam sob uma mesma forma, resultantes das políticas linguísticas que se elaboram para a formação do sujeito nacional, inspirado no modelo capitalista de cidadão» (Di Renzo, 2008, p. 5).

As razões apontadas acima, da não adopção de línguas locais, para evitar tribalismo, não são concisas. Uma língua tem a ver com o instrumento capaz de revelar, em toda a sua dimensão, um determinado grupo étnico e não uma tribo. O conceito de Tribalismo, como é tido geralmente, representa a assumpção ou a afirmação de sentimentos de pertença e lealdade por parte de indivíduos de uma mesma tribo. Tribo, em última análise, é todo o grupo humano que se identifica com um conjunto de comportamentos identitários (exs., fãs de um cantor, adeptos dum clube, a família alargada numa comunidade). Para alguns pessimistas, os equívocos gerados pelo conceito tribalismo associa-o ao regresso à civilização primitiva, oposta à civilização moderna.

«Apesar de alguns considerarem a multiplicação das línguas como a maldição de Babel, a comunicação [através das línguas nativas] funciona em todos os lugares», como nos diz (Calvet, 2002, p. 147), e alguns Estados africanos promovem línguas locais, tendo em conta certos critérios como o número de falantes e o nível de evolução da língua em termos de textos escritos.

Os países africanos de língua portuguesa adoptaram políticas assentes na valorização da língua externa, sem nenhuma promoção das línguas locais, com excepção de Moçambique, como se pode observar na classificação feita por Da Silva (2010), na Revista África e Africanidades:

1. Países africanos de maioria árabe com política linguística voltada para a arabização: Argélia, Marrocos, Tunísia, Egipto e Líbia;

2. Países da África Subsariana com uma política exoglóssica, promovendo línguas externas: a) Com diversidade étnica: Angola, Benin, Camarões, Chade, Congo, Côte D´Ivoire, Djibuti, Gabão, Gâmbia, Guiné-Bissau, Guiné Equatorial, Libéria (nenhuma língua nacional no ensino) e Gana, Mali, Maurício, Mauritânia, Moçambique, Namíbia, Níger, República Democrática do Congo, Senegal, Serra Leoa, Togo, Zâmbia e Zimbabue (apesar de valorizarem as línguas externas, algumas línguas locais são ministradas no ensino); b) Pequena diversidade linguística: Cabo Verde e São Tomé;

3. Países africanos com uma política endoglóssica, promovendo as línguas internas: a) Com vasta diversidade étnica e linguística: África do Sul, Etiópia, Eritreia, Quénia, República Centro Africana, Tanzânia e Uganda; b) Com pequena diversidade étnica: Botsuana, Burundi, Lesoto, Madagáscar, Malawi, Ruanda, Somália e Swazilândia.

Como podemos observar, Moçambique, apesar de valorizar as línguas externas, é o único país africano de língua portuguesa em que algumas línguas locais têm lugar no sistema de ensino. Não seria descabido supor que outros países dos PALOP também poderiam seguir o mesmo exemplo, senão mesmo com mais incremento nos níveis secundários.

Em cada Estado, as políticas linguísticas de eliminar as diferenças, procurando uma unidade nacional, procuram também "as possibilidades de dispersão, da subjetivação, do lugar da significação e da identidade" como nos diz Di Renzo, acrescentando ainda:

"Como em geral se faz, com a ideia de uniformizar os sujeitos em indivíduos civilizados impede-se a sua autonomia e, no seu lugar, produz-se não sujeitos, mas indivíduos. Assim, o que tem feito as políticas linguísticas através dos programas de ensino de língua, é a legitimação de um território único de significação como garantia de unidade nacional. "(Di Renzo, 2008, p. 5).

Mankeu Valente Mahumana, Pintor moçambicano

Política linguística vs planeamento linguístico

FALAR SOBRE A POLÍTICA linguística, num Estado, é olhar para dois segmentos que se complementam para que as evidências linguísticas se solidifiquem, nomeadamente Política Linguística e Planificação Linguística. A primeira refere-se à escolha de medidas universais e a segunda tem a ver com a aplicação destas medidas.

De acordo com Calvet (2002, p 145), uma política linguística é «um conjunto de escolhas conscientes referentes às relações entre língua(s) e vida social e planeamento linguístico é a implementação prática da referida política linguística, em suma, a sua passagem ao acto». Esta planificação referida por Calvet abrange todos os níveis sociais. Os grupos menores confinados em famílias, comunidades ou qualquer organismo também podem adoptar a sua política linguística. Por esta razão, temos as línguas exclusivas de trabalho em conferências internacionais e nalgumas organizações de carácter internacional. Apesar desta liberdade, quando se trata de adopção de mecanismos para se estabelecer relações entre língua e vida social, cabe ao Estado planificar e pôr em prática as linhas mestras. Neste caso, a acção do poder político é antecipada por um estudo viabilizado pelos académicos.

«Em seus laboratórios, os linguistas analisam as situações e as línguas, descrevem-nas, constroem hipóteses sobre o futuro das situações, proposições para regular os problemas; depois os políticos estudam as hipóteses e as proposições, fazem escolhas, aplicam-nas» (Calvet, 2002, p. 147).

Entretanto, a ideia de que as Línguas Nacionais Africanas trariam tribalismo não passa de uma ideologia baseada na "desvalorização perpétua" de tudo que é local pelo próprio africano. A língua, em si, é fruto de experiência, de acção social e cultural. Não traria divisão, porque cada indivíduo, no seu lugar de pertença, identificar-se-ia na sua cultura. Para que isto se torne possível, é preciso que a criança, desde o ensino primário, aprenda a língua em que se expressa no seu meio, permitindo e aprofundando a sua integração cultural.

Como se ouve dizer, não há desenvolvimento num país sem que se permita o funcionamento e a valorização da tradição. A tradição potencia o desenvolvimento de qualquer comunidade. Um povo para que consiga projectar o futuro e desenvolver-se precisa de olhar para o seu passado. E para se conservar a tradição, é preciso conhecer a língua, que é o elemento básico para a sua efectivação. Esta visão situa-nos na ideia de que a língua de colonização é uma janela para o mundo, mas a sua língua é o que o caracteriza no seu lugar de pertença.

Fonseca (2008, p. 44), Fonseca (2012, s/p) refere que o olhar ocidental-europeu, e dos dirigentes políticos independentistas, angolanos e de outras nações africanas, após a década de 1960, foi de adoptar a língua do colonizador como fundamental para internacionalizar as relações dos novéis países libertados do jugo colonial assim como para promover o letramento já que a cultura oral seria sinónimo de atraso.

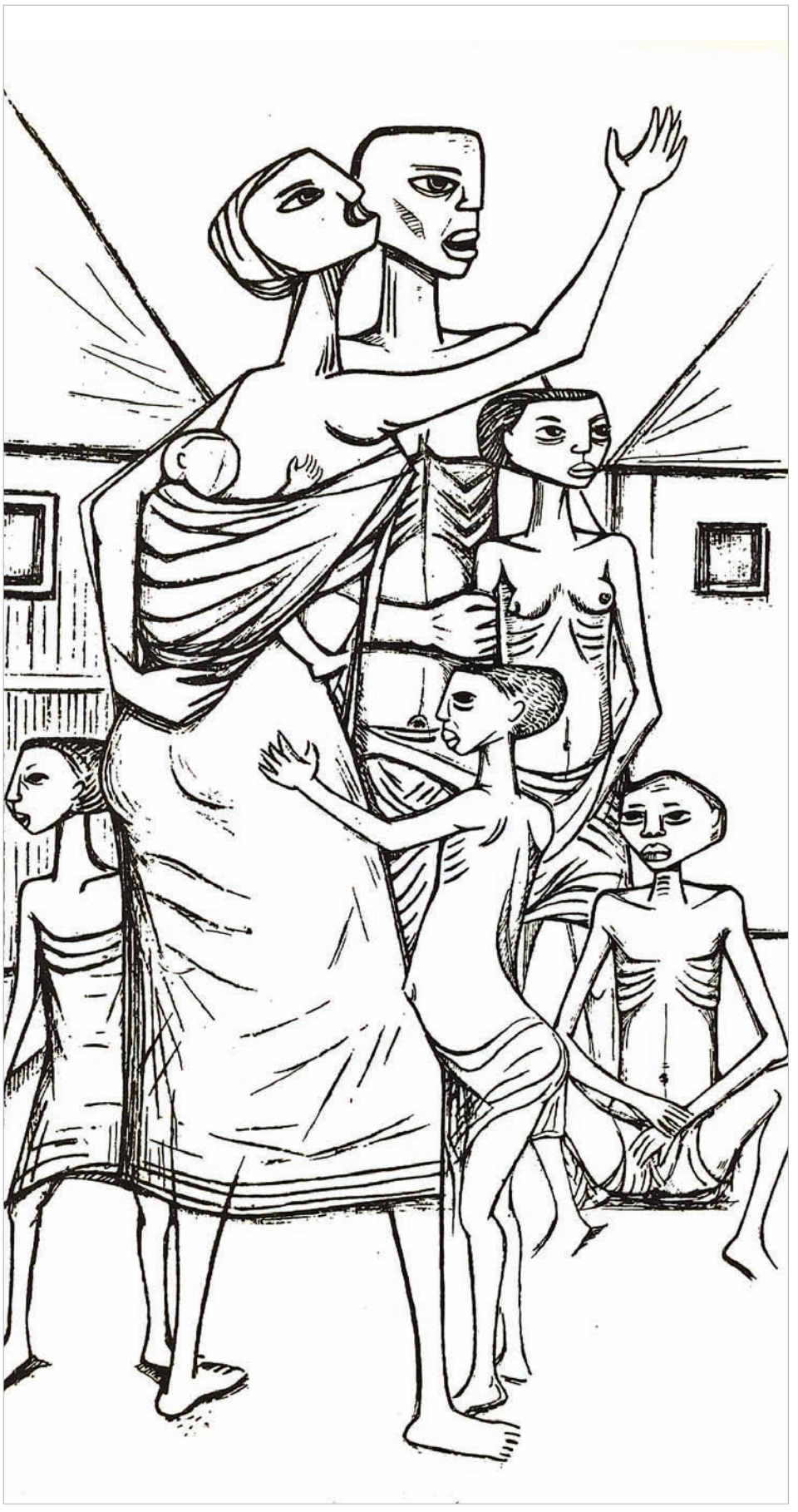
"Impor a escrita às populações do interior dos seus países. Essas que eram compostas de diversas etnias, com suas tradições culturais e linguísticas. A tradição oral africana tem sido concebida equivocada e ideologicamente como a que transformou e mantem África como um continente de analfabetos."

Nesta visão, considera-se que a política linguística não teve a mesma dinâmica em todas as ex-colónias africanas, como se sublinha: as anglófonas e francesas, por exemplo, adoptaram o ensino das línguas nativas nos primeiros anos de escolaridade e só nos anos subsequentes aprender-se-ia a língua inglesa ou francesa. Neste caso, nos países onde esta política é funcional, o sistema bilingue é válido, quer ao nível de trabalho (política-adminsitrativa), quer ao nível cultural, por permitir a integração e o reconhecimento dos valores de cada indivíduo em qualquer parte do território onde estiver.

Segundo Chicumba (s/d, p. 251), a educação bilingue envolve um processo educativo que introduz no ensino uma segunda língua no ambiente do aluno, quer seja língua materna ou não.

"[Educação bilingue é], fundamentalmente, um conjunto de metodologias e programas do processo educativo que introduz no ensino uma segunda língua de maior predominância no ambiente do aluno, quer seja língua materna ou língua estrangeira. É neste contexto que a educação bilingue surge da necessidade de se proporcionar às crianças a escolarização na sua língua materna e também em língua portuguesa (que, como língua oficial, funciona também como língua segunda), valorizando o conhecimento linguístico que o aprendente transporta consigo, traduzido em facilidade de comunicação, rápido acesso ao conhecimento científico e na integração consentânea na escola. A adopção do sistema de educação bilingue, reminiscência da expectante introdução das línguas nacionais no sistema educativo oficial, é um processo que garante a preservação dos valores sócio-culturais e está directamente relacionado à história, ideologia e à organização sociopolítica de um povo."

Podemos inferir que a educação bilingue só será possível se houver uma preocupação assente na matriz local, com configurações tipicamente locais também. Deste jeito, as acções que tiverem que ser projectadas estariam confinadas ao alargamento do horizonte das comunidades, sem se descorar a sua linha cultural.



Zé Júlio

A realidade multilingue é uma variável inequívoca a nível do território angolano, constituído por diferentes povos, cada um com elementos culturais distintos. Os diferentes povos, com línguas diferentes, têm o Português como língua veicular, mas isso não é suficiente para se falar em bilinguismo.

.«Se admitirmos que a língua do Estado, em Angola, é o português e somente o português, concluímos, então, que o Estado angolano é monolingue numa realidade multilingue». Adriano (2015, p. 46)

Se um Estado é essencialmente monolingue, conclui Adriano, então terá horizontes somente para uma política monolingue e dificilmente irá promover uma sociedade multilingue.

CONCLUSÃO

Em todas as sociedades, como podemos observar, a língua constitui o primeiro símbolo de difusão da cultura e de interacção dos membros. Para que haja unidade comunitária, é preciso que os códigos linguísticos produzidos estejam em conformidade com os falantes. Deste modo, o presente estudo visou analisar a questão de inserção das línguas nacionais no sistema de ensino, partindo do discurso proferido pelo Presidente da República, General João Lourenço, sobre o Estado da Nação, no dia 16 de Outubro de 2017.

Apesar dos vários pronunciamentos em volta das línguas locais, a realidade linguística angolana continua a vivenciar os mesmos horizontes do antigamente. Nota-se, cada vez mais, a tendência de desvalorização destas línguas, até mesmo nos círculos familiares. Entramos numa nova era, onde a aprendizagem da língua local vai-se tornando uma miragem para muitos angolanos. Se o poder político reiteradamente tem manifestado a necessidade de valorizar as línguas nativas parece que só falta que os académicos peguem nessa bandeira e sejam, eles sim, responsabilizados pela execução do Programa Nacional de Línguas.

Portanto, é preciso uma acção rápida e concreta, para que a inserção das línguas nacionais no ensino seja um facto, e não com a timidez que se tem verificado até ao momento. Mais que olharmos para a acção ao nível superior, cada cidadão angolano deveria tomar consciência, assumindo a matriz ancestral que caracteriza as nossas etnias. E as instituições vocacionadas às línguas nacionais deveriam começar a criar programas para a divulgação das mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADRIANO, P. S. (2015)
A Crise Normativa do Português em Angola - Cliticização e Regência Verbal: que atitude normativa para o professor e revisor». Luanda: Mayamba.

BARBEITOS, A. (2014). A Propósito da Cultura e da sua Diversidade. Ecos de Angola.

CALVET, L.-J. (2002). Sociolinguística: uma introdução Crítica. São Paulo: Editora Parábola.
CHICUMA, M. (s/d). Capítulo II. O Contexto Sociolinguístico e Cultural de Angola. Em M. CHICUMA, A Educação Bilingue em Angola e o Lugar das Línguas Nacionais. Luanda.

DA SILVA, D. B. (2010). Política Linguística na África: do passo colonial ao futuro global. Revista África e Africanidades, ano 3, nº 10.

DI RENZO, A. M. (2008). A Língua Materna e Língua Nacional. Em R. L. BARRONA, Estudos Discursivos no Mato Grosso (p. 37 a 44). São Paulo, Brasil: Pedro e João Editores.

FONSECA, D. J. (2012). As Línguas Nacionais e o Prestigioso Português em Angola. Uberlândia: Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho".

ISABEL, L. (30 de Mar de 2007). www.catedraportugues.uem.mz /lib/docs/ROMA/ _Portugues_de_Africa.pdf. Obtido em 15 de Abril de 2018.

LOURENÇO, J. M. (2017). Discurso do Presidente da República sobre o Estado da Nação. Angop.

"A Língua Portuguesa em Nós" encerra com "Kalunga" e confissões de Manuel Rui

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

A exposição itinerante "A Língua Portuguesa em Nós", aberta a 12 de Junho, em Luanda, encerrou no passado dia 24 de Agosto, com uma sessão de venda e autógrafos da obra Kalunga, de Manuel Rui, seguido do tradicional "Puxa-Palavra", em que o investigador brasileiro Gabriel Liprince se pôs â conversa com o griô angolano no palco do anfietatro do Centro Cultural Brasil-Angola (CCBA).

"Antes de tudo, está a Vida. A Vida está para a Literatura, como a matéria-prima está para o objecto por fazer", assinalou o escritor, para quem, a Literatura é o quinto degrau de um percurso que começa na Consciência Social, depois vem a parte da Linguagem, a Língua e a Escrita.

Gabriel Liprince ximbicou o barco da fala de Manuel Rui e este, no Puxa-Palavra, navegou por Kalunga adentro e fez algumas paragens em torno do mar, que também é morte. Como o livro tem escravos a lutar pela liberdade, que veio com a morte matada, para Zumbi dos Palmares ou com a carta de alforria, para os que sobraram, Manuel Rui perguntou: Abolição ou Subproletarização? É que o escravo tinha a protecção do patrão...

No avanço do ximbicamento verbal, Manuel Rui considerou que "o primeiro leitor sou eu. Existe uma relação erótica com o leitor: a devolução do orgasmo."

E a noite foi tomando conta do mar e Manuel Rui queria falar mais. E falou. Acabou por falar das religiões e do Candomblé, de Iemanjá e dos Orixás e dos padres jesuítas que foram para o Brasil e, assim acabou por contar uma anedota, capaz de ser verdade ou lenda para outro romance: um dia condenaram um Cacique (chefe índio) à morte na fogueira. E o padre lá foi, de Bíblia na mão e aconselhou o Cacique a confessar os pecados e entregar a alma a Deus, para não cair nas chamas do inferno e ir para o Céu. O cacique manteve-se renitente. Quando as chamas já quase atingiam a cintura do condenado, o padre disse-lhe "olhe lá, ó chefe, você ainda pode salvar-se. Aceite Deus, entregue-lhe a sua alma e acabará no Paraíso!" Então o cacique perguntou: 2E lá no Paraíso há brancos?" "Há, sim", respondeu o padre. "Então não quero", retrucou, peremptório, o condenado.

E mesmo com a noite a tomar conta do mar, Manuel Rui sempre a falar, falou que um dia, quando chegar a sua hora, já fez um testamento de ser cremado e difundido nas águas de Kalunga – o Mar, a Morte.

Por isso, esta exposição itinerante da Língua Portuguesa, saída do Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, deixa saudades de navegar a alma inteira da comunidade dos 261 milhões de falantes dispersos pelos quatro continentes. Foi uma mostra de um património universal, quase imaterial, se não tivesse, como é óbvio, as fontes crepitantes portadoras dessa fala que une oito países.

Durante mais de dois meses, cerca de 3 mil visitantes puseram o pé no salão de exposições do CCBA e muitos desses visitantes gravaram depoimentos sobre o evento, participaram em debates literários, assistiram a filmes e peças de teatro, leram as obras expostas e travaram conhecimento com diversas pessoas de Cultura de Angola, do Brasil, Moçambique, Cabo-Verde, Guiné Bissau e Portugal. A maior azáfama dentro do CCBA aconteceu aquando das visitas colectivas de escolas públicas e privadas, inclusive de municípios mais distantes como Catete, Bengo e Viana.

O evento contou com mais de 40 actividades paralelas - cinema, teatro, entrevistas, debates, lançamento de livros, feiras do livro, recitais de poesia e slam, stand up comedy, música.

As áreas mais frequentadas são a Sala de Leitura - onde se encontram livros de todos os países lusófonos, a área dos jogos e a exposição em si.

De recordar que esta primeira itinerância do Museu da Língua Portuguesa por países africanos de falantes da língua de Camões, intitulada "A Língua Portuguesa em nós" colocou como objectivo principal a divulgação da língua portuguesa e estreitar os laços de cooperação e amizade, entre esses países.

LINHA DO TEMPO

Porém, muitos dos visitantes ficaram a conhecer o historial do português em Angola, n o mural dedicado à "Linha do Tempo". Sendo Angola um país de tradição oral em profunda osmose com a língua do Ocidente já nacionalizada pela ocorrência da luta armada de Libertação Nacional, esteve patente no CCBA, não só o efeito polinizador da Língua Portuguesa, tornada oficial na comunicação com o Mundo, desde os tempos do Reino do Congo, mas sobretudo o valor e a importância funcional da oralidade em vários domínios do quotidiano em Angola, inscrita no património nacional.

Em finais de 1482, Diogo Cão chegou com a sua armada à foz do Rio Zaire (Nzadi), onde plantou um padrão de pedra, assinalando a chegada dos portugueses e da sua expressão latina que iria determinar até à data o padrão linguístico oficial de Angola.

Começava assim o encontro de duas civilizações, de duas formas de falar e viver o mundo, que moldou por completo o destino dos africanos.

Hoje, a sociedade angolana é um corpo vivo secular no qual o processo histórico da colonização introduziu material genético sociolinguístico da cultura ocidental,

e que fez de Angola o caso típico de um Estado-Nação em que a diversidade cultural representa um parâmetro de coesão social.

Nota-se em Angola o fenómeno da dupla persistência da memória verbal euro-africana ou bantulusófona, decomposta em dois vectotres: o da intercompreensão das línguas e o do plurilinguismo, ambos relativamente dicotómicos, mas que representam factores de enriquecimento das Línguas e da Cultura do espaço da CPLP, a serem protegidos e valorizados.

Na sequência dos discursos transgénicos da História, no espaço onde antes existiam os reinos do Congo, do Ndongo e da Matamba e de outros reinos mais tarde conquistados por Portugal, os angolanos possuem hoje, esse outro valor ou recurso que é a língua portuguesa, múltiplo comum da unidade de todos os angolanos e singular via de comunicação verbal com os outros continentes.

Na vertente fonológica, a influência das Línguas Bantu é decisiva. Tal como os brasileiros – na óptica do escritor português Eça de Queirós – falam o português com açúcar, o português falado hoje em Angola é um português batucado pelas sonoridades rítmicas das línguas locais.

Uma abordagem psicocrítica à obra «náusea»

Do inferno do mar ao transtorno de luto do velho joão

HÉLDER SIMBAD

A relação entre a Literatura e a Psicologia é de complementaridade. Toda a produção literária decorre de um acto psíquico. Porém, é interessante recordar que a literatura, enquanto manifestação artística, está na base do surgimento duma área que revolucionou os estudos sobre o comportamento humano: a Psicanálise. Sabe-se que, por um lado, os estudos literários – por via das descobertas de Freud, que se serviu da literatura de Sófocles e de Shakespeare para elaborar uma das suas principais teorias conhecida como «Complexo de Édipo» – proporcionou à psicanálise a possibilidade dedeixar «o campo estritamente médico para ter acesso à teoria geral do psiquismo e do devir humano» (MARINI,1997); por outro lado, não se pode negar que a psicanálise literária também terá modificado o quadro da crítica literária.

O lexema Psicanálise remete-nos à análise da psique. Por neologismo, para melhor adaptação desse procedimento analítico, no quadro dos estudos literários, privilegia-se o termo«psicocrítica», porque o que ocorre, na verdade, é uma psicoleitura interpretativa do comportamento do narrador, personagens e, por vezes, do autor.

Servimo-nos da psicocrítica para analisarmos a obra «Náusea», de Agostinho Neto, porque esta reúne uma fortuna crítica plural, produzida por renomados críticos e por querermos apresentar uma outra abordagem, um pouco distante daquilo que já se produziu.

Etimologicamente, o lexema «inferno», segundo o site de etimologia «Origem das Palavras»,nasce da palavra latina«infernus», derivado de «inferus», que,antes do cristianismo, significava «lugares baixos». A palavra terá evoluído em termos ortográficos e semânticos, transformando-se em «infernus», e na bíblia é usada para substituir, sem distinção, os termos gregos «Hades» e «Geena» e o hebraico «Sheol».

Afastando-nos de qualquer discussão epistemológica entre o «filosófico» e o «religioso», podemos afirmar que, sendo Angola um país povoado eminentemente por cristãos, segundo as nossas constatações, a acepção básica deste lexema remete-nos, semanticamente, para um lugar de tormento com fogo inapagável. De acordo com o Dicionário de Símbolos, «em numerosas religiões, o inferno é o lugar do castigo no além, o tradicional oposto do céu, (...) representado como lugar de calor insuportável ou de tormentos pelo fogo...» Não importa aqui a sua dimensão religiosa, a crença ou descrença na sua existência; nem a geografia do inferno dantesco com os seus círculos; muito menos o arrependimento do Fidalgo de Gil Vicente em o «Auto da barca do inferno». Usamos, em nosso artigo, a palavra «inferno» para designar «tormento constante». Ademais, diria Voltaire, «enfim fariseus e essénios, entre os judeus, admitiram a crença de um inferno à sua moda». Em vista disso, poder-se-ia afirmar que velho João, o protagonista de «Náusea», transfere o sentido metafórico do «inferno» para o «mar», «Kalunga».Um inferno, nas suas palavras, um lugar de tormento num espaço marinho:

"... muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões.O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios, saíram navios. F. o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho de escravo é Kalunga. O inimigo é o mar."

Náusea é, segundo os registos históricos, a única narrativa literária de Agostinho Neto, pelo menos do ponto de vista ontológico-conceptual, no âmbito das categorias modais (narrativa, lírica e dramática) sem os hibridismos possíveis. Referimo-nos a«Náusea» não como um pequeno conto, e sim como um conto pequeno de infinita grandeza, pelas suas virtualidades intrínsecas. Uma curta narrativa de enredo aparentemente simples que, em termos de resumo, darnos-ia em não mais do que cinco linhas dum parágrafo:

Certa manhã, velho João sai com a família da Samba para a Ilha de Luanda a fim de visitar o irmão adoentado. Depois do almoço, vai à praia com o sobrinhoe, ao apreciar o mar, tem uma série de recordações nostálgicas, o cheiro do mar provoca-lhe náuseas e vomita todo o almoço.

O título «Náusea» explicita o estado de espírito do povo consciente em relação ao contexto adverso. Quem, nas

A traineira

vestes de colonizado, não sentiria «nojo» e «repugnância» por aqueles que o têm cativo? Essa «náusea» encerra uma dupla dimensão conotativa deveras significativa:

1. Náusea pelo passado emanado, metaforicamente, pelas ondas do mar, trazendo à memória do protagonista a chegada do colono e o tráfico de escravos: "Depois vieram os navios, saíram navios. F. o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.

2. Náusea pelo duropresente que persistia doloroso,revelando um enorme fosso social entre colonizadores e colonizados: "As casas de latas de petróleo, lá do Samba Kimôngua, deixam passar a água quando chove. A civilização ficou embora ao pé da praia, a viver com Kalunga.E Kalunga não conhece os homens. Não sabe que o povo sofre. Só sabe fazer sofrer."

Ao lexema «Kalunga», do Kimbundo, morte, mar, perigo; no conto, amplia-se-lhe a sua dimensão semântica, porém, sempre próxima da ideia de «morte», significando «sofrimento»(o trabalho escravo é Kalunga); «assassinato» (Kalunga matava e o povo ia chorar);«opressão»(Kalunga acorrentou gente nos porões); «desgraça» (Kalunga é a fatalidade).

A grandeza duma narrativa reside, indubitavelmente, na destreza com que os prosadores articulam o discurso, criando enredos complexos com toques de magia e na capacidade de dizer o «muito» em cada parágrafo. «Náusea» não é uma simples narrativa apesar da sua curta extensão. É um conto de denúncia, escrito num período de opressão. E a opressão exige estratégia. E a estratégia exige mestria. E Agostinho Neto, em «Náusea», serve-se genialmente das possibilidades alegóricas do mar para denunciar os actos hediondos cometidos pelo colono e alertar os seus símiles. Se o mar, para o ocidente, representado pelo então«Império Colonial Português», é sinónimo de descobertas, aventura, bravura, conquistas, para o autor de «Náusea», representa a porta de entrada do grande mal(o colonialismo), bem como o princípio das grandes transformações infra-estruturais e culturais (... não ... a mesma ilha dos tempos antigos).

Se há um romance psicológico ou um romance de personagem, e se a distinção que se fizer entre conto, novela e romance for apenas quantitativa; sendo o conto também narrativa, todavia de pouca extensão,poder-se-ia falar dum conto psicológico ou eventualmente dum conto de personagem?

Tratar-se-ia dum conto de forte pendor psicológico, na medida em que o protagonista de «Náusea» vive um conflito interior bastante denso, sendo que estes eventos se resumem na revisitação do passado nostálgico que o persegue, trazendo para o presente reminiscências dolorosas. Além disso, quase toda a trama remete-nos aos pensamentos de Velho João que «monologava intimamente» e termina com o sobrinho que «ia pensando na mania que os velhos têm de beber demais». Trata-se dum conto cujo espaço principal é o interior das personagens e o narrador interpõe frequentemente recurso à analepse para poder explicitar as experiências destas.

Poder-se-ia ainda falar, eventualmente,dum conto de personagem, porque todo o evento gira em torno duma só figura, velho João.Porém, se por abstracção usamos o sintagma «conto de personagem» como equivalente de «romance de personagem », o título não justificaria tal taxonomia, pelo facto de, geralmente, coincidir com o nome da personagem principal (?). Não se trata dum conto com um universo diegético povoado por muitas personagens. São fundamentalmentetrêsos intervenientes directo da diegese,e não duas como apontam os outros críticos que se propuseram a abordar a obra que ora estudamos:velho João, o protagonista, representando o passado,eseu sobrinho, o presente.A outra personagem sobre a qual nos referimosresulta da personificação de Kalunga, o qual, por via da metáfora, nos termos de Aristóteles, que a definiu como «a transposição do nome de uma coisa para outra (...) por via de analogia», ora representa os perigos do mar ora o colono e por ocupar um maior espaço ao longo da diegese, é, na verdade, o deuteragonista ; o antagonista do povo angolano, representado simbolicamente pela personagem tipo velho João. O narrador refere-se à família e ao irmão adoentado como simples figurantes, personagens descartáveis, elementos paisagísticos que permitem a fluição do enredo, citando-os uma única vez.

MENSAGEM

NÁUSEA

Um conto de

AGOSTINHO NETO

Da sua cubata de Samba Kimôngua, velho João saiu com a família, do manhãzinha muito cedo, e desceu a calçada, atravessou a cidade, toda a cidade mesmo, até os confins da baixa, passou pela ponte e pisou a ilha. Mas não já a mesma ilha dos tempos antigos. Pisou uma ilha sem areia, asfaltada, com casas bonitas onde não moram pescadores.

Velho João ia visitar o irmão que estava doente, mas também queria escapar por algum tempo ao calor da cubata de latas de petróleo. A ilha é fresca quando se repousa à sombra dos coqueiros contemplando os pescadores a recolher o peixe.

Depois do almoço, um bom almoço em boa paz familiar, onde tudo se esqueceu, excepto a alegria de viver e a boa pinga, o velho saiu com o sobrinho, a arrastar os pés pela areia quente da praia, deixando-se mesmo molhar, com uma alegria infantil, por uma ou outra onda mais comprida. Evocava os seus já distantes tempos de miúdo, quando era apenas o filho mais novo dum pescador. Tinham-se passado anos. Preferira carregar sacos às costas por conta de brancos da baixa a morar na cubata de latas de petróleo de Samba Kimôngua. Mas se fosse agora! Ficaria embora na ilha; a pescar e a sentir o mar.

De repente olhou para longe e disse ao sobrinho, estendendo o braço:

— O mar. Mu'alunga!

O sobrinho olhou para ele esperando mais alguma coisa, sem compreender o significado que o tio queria dar àquela palavra. Porém, ante o silêncio do tio, desviou a atenção.

Velho João já olhava de novo a areia e monologava intimamente Mu'alunga. O mar. A morte. Esta água! Esta água salgada é perdição. O mar vai muito longe, por aí fora. Até tocar o céu. Vai até à América. Por cima, azul, por baixo, muito fundo, negro. Com peixes, monstros que engolem homens, tubarões. O primo Xico tinha morrido sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água. Kalunga. Depois vieram os navios, saíram navios. E o mar é sempre Kalunga. A morte. O mar tinha levado o avô para outros continentes. O trabalho escravo é Kalunga. O inimigo é o mar.

Velho João lembrou-se de que umas vezes o mar estava muito furioso mas nunca ninguém se levantou contra ele. Kalunga matava e o povo ia chorar vítimas nos batuques. Kalunga acorrentou gente nos porões e o povo apenas teve medo. Kalunga chicoteou as costas e o povo só curou as feridas. Kalunga é a fatalidade. Mas porque foi que o povo não fugiu do mar?

Kalunga é mesmo a morte. Trouxe o automóvel e o jornal, a estrada e o fecho éclair, mas para ficar embora ali ao pé da praia a fazer negaças. Ninguém sabe o que está no fundo do mar. Kalunga brilha à

MENSAGEM

A Revista «PADRÃO», órgão dos alunos do Liceu Nacional de Diogo Cão, de Sá da Bandeira, teve, para «MENSAGEM», as cativantes palavras que abaixo se transcrevem:

«O departamento cultural da Associação dos Naturais de Angola» acaba de publicar, em Luanda, o 1.º número duma revista trimestral de arte e cultura, intitulada «MENSAGEM», órgão dos Portugueses nascidos nesta província ultramarina.

É directora da revista a Sr.ª Dr.ª Maria do Amparo Minas da Cruz e colaboram neste primeiro número os poetas angolanos Ermelinda Xavier, Viriato da Cruz, Antero de Abreu (um dos rapazes mais inteligentes que temos conhecido em Angola), Maurício Gomes, Lèston Martins, Lília da Fonseca e Agostinho Neto.

Emprestam a sua colaboração em prosa os srs. Aguelo Paiva, num artigo referente à colonização da Huíla, Mário Pinto de Andrade, João Jeremias e Óscar Ribas.

«PADRÃO», órgão dos alunos liceais natos na sua maioria em Angola, ambiciona a «Mensagem», sua congénere, longos anos de vida e muitas prosperidades».

Igualmente se lhe referiram, com palavras demonstrativas de simpatia e, principalmente, compreensão, os jornais locais e de dentro e fora de Angola, dos mais diversos pontos.

Também a Emissora Nacional de Radiodifusão, Rádio Clube de Angola e Rádio Clube do Huambo, — que lhe dedicou um programa, organizado por Joana Campina, — se referiram a «MENSAGEM», em termos que muito nos desvaneceram e que são testemunhas de simpática camaradagem, que nos é grato registar.

Para todos, o MUITO OBRIGADO, não valioso mas sincero, de quantos e todos, indistintamente, se têm esforçado por dar vida, que desejamos seja longa e útil, à nossa «MENSAGEM».

33

«Náusea», no âmbito da psicocrítica, daria muitas páginas de análise. No entanto, como já admitimos, em termos taxionómicos, poder tratar-se também dum «conto de personagem», a nossa abordagem psicanalítica cingir-se-á em velho João.

A terceira idade é a etapa do curso de vida em que as alterações significativas, nos diferentes sectores da existência humana, mais se evidenciam. Velho João trazia consigo um somatório de perdas acumuladas, sendo a mais gritante a morte dramática da «primeira mulher» que «morreu após o parto, a cheirar mal». Não menos dramática terá sido a morte de «primo Xico ... sobre o mar quando a canoa se virou ali no mar grande. Morreu a engolir água». Sente-se claramente o elevado grau de melancolia na forma com que o narrador se refere à morte de «Xico» através do «monólogo interior indirecto de velho João, evocando imagens fortes dum afogamento.

Hélder Simbad é o coordenador do Círculo de Estudos Literários e Linguísticos Litteragris. Licenciado em Línguas e Administração

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A ALVES, Tânia Maria.Formação de Indicadores para a psicopatologia de luto. São Paulo. 214.
ALMEIDA, Isabel Alexandra Lourenço de. Luto Patológico, Ansiedade Perante A Morte E Variáveis Sociodemográficas, Sua Relação Com A Sintomatologia Depressiva Em Adultos Mais Velhos. Lisboa. 2015.
ARISTÓTELES. Arte retórica e poética. Rio de Janeiro: Ediouro, [s/d.].
Associação Americana de Psiquiatria.DSM-5®Manual Diagnóstico E Estatístico De Transtornos Mentais. Artmed. 2014.
BECKER, Udo. Dicionário de Símbolos. 2ª ed. São Paul.EditoraPaulus, 2007.
Jornal de Cultura. A Metáfora do Mar na poética de Agostinho Neto, publicado em18 de Agosto de 2015.
NETO,Agostinho. Náusea. Em Pássaros de Asas Abertas: Antologia de Contos Angolanos.A-23edições.2016.
REIS, Carlos. O Conhecimento da Literatura: Introdução aos Estudos Literários.Almedina.2ª edição. 2008.
SILVA, Vítor Manuel de Aguiar E. Teoria da Literatura. Almedina. Volume I.8ª Edição.
MACEDO,Tánia Celestino.Visões do mar na literatura angolana contemporânea.Universidade de São Paulo e Universidade Estadual Paulista – Campus de Assis
VOLTAIRE. Dicionário Filosófico. RidendoCastigat Mores.2001.
KAMUXITU, Jujú. Dicionário Português-Kimbundu / Kimbumbu-Português. Edição do autor. 201.

Cem neologismos quimbundos oriundos da língua portuguesa

MÁRIO PEREIRA

Batuque no feminino

1. Yoso ingakutangele, mazadina, yakexile kaswada kami ngo. 1. Tudo o que te tinha dito, antes de ontem, fora apenas uma brincadeira (caçoada) minha.

2.Mutu wakambe kilunji twafwama tumutendelesa kwene kilunji kyamuvimba kyadisanga. 2. Devemos fazer compreender a quem carece de entendimento onde se acha o integral entendimento.

3 Ngoloya mupaxiyala, ni ngitene hanji kwivila kwimbila kwa njila. 3. Vou passear, para que possa ouvir o canto de um passarinho.

4. Ndenu kya mu xikola, nda mutene kwijiya kutanga ni kusoneka 4. Ide já para a escola, para que possais saber ler e escrever.

5. Ombinza yami yatanduka! Ngitenami dingi kwizwata 5. Rasgou-se a minha camisa! Já não posso vesti-la.

6. Ojikalasa jami jabutu, jina jangibangesa kujieha ku bata dya kamba dyami dya ukulu kya. 6. As minhas calças curtas são aquelas que me fizeram abandoná-las em casa de um amigo de longa data.

7. Onguya yami yabudika mu kindala kyenyeki; yene yangilembwesa kutunga omulele wami watanduka. 7. A minha agulha partiu-se agora; foi o que me impediu de cozer o meu pano que se rasgou.

QUANTO AOS DIAS DA SEMANA:

8. Kyaxikunda kyene okizuwa kya kuya mu sambwa mu kalunga ka menya mutamba mbiji. 8. 2ª. Feira é o dia de ir ao alto mar pescar.

9. Kyatersa kyene okizuwa ki twene kumutangela kwiza kututangela maka. 9. 3ª. Feira é o dia que lhe temos informado para vir informar-nos dos problemas existentes.

10. Kyakwarta kyene o kizuwa kya kulengesa jinzumbi jakalunga jandala kutwambata ni mwenyu. 10. 4ª.Feira é o dia de afugentar as almas malignas que nos querem levar com vida.

11. Kyakinda ki kizuwa kya kudibeta beta ni akwenu mu ngongo iyi mu twala! 11. 5ª. Feira não é dia de nos estarmos a bater uns aos outros, neste mundo em que nos encontramos!

12. Kyasesa kyene okizuwa kyakuzukama kalunga ka menya mwazanga mu Lwanda benyaba kya. 12. 6ª. Feira é o dia de estar próximo do mar, que é já aqui, na ilha de Luanda.

13. Kyasabalu kyene okizuwa kya kudila omufete tunde mwa zanga, kwene kwala mbiji yabeta mukufula. 13. Sábado é o dia de comer peixe assado a partir da ilha de Lwanda onde se encontra o peixe mais gostoso.

14. Kyalumingu kyene okizuwa kya kuya mu kisangelu kya Nzambi Tata bulu. 14. Domingo é o dia de ir ao encontro de Deus Pai nas alturas.

QUANTO AOS MESES DO ANO:

15. Ombeji yadyanga ya muvu yu, yene ingasolo kusota monami, tunde kyajimbidila. 15. O primeiro mês deste ano foi o que escolhi para procurar o meu filho desde que se perdeu.

16. Otembu ya kudima idingu yazukama kya. 16. O tempo do cultivo da mandioca já está próximo.

17. Mutu ni valolo una uvwalesa ukamba. 17. Uma pessoa de valor é aquela que faz nascer a amizade.

18. Oulungu watundu dikanga dina wafundala mu menya mu kindala kyenyeki. 18. A canoa que saiu de muito longe afundou-se agora mesmo.

19. Kyaxilivilye kima onganji yakubangesa kusenga muhatu wakuzolo. 19. Não serviu para nada a ira que permitiu que te separasses da mulher que te ama.

20. Sayi mutu wolofwa mu menya wolobinga kumusalavala. 20. Há alguém morrendo na água pedindo que o salvem.

21. Ondundulu kima kyala ni kifwa kya lodondu. 21. A bola é um objecto que tem forma redonda.

22. Omakanda mafwamena kumalegala jinga, nda mabane ojimbutu jina jabeta mukuwaba. 22. Os campos devem ser sempre regados, para que possam dar o melhores frutos.

23. Owabelu wa kudya wiza mukufokala kwe. 23. O gosto da comida provém do seu refogado.

24. Woso ulembwa kulekelela kima kyangene amulembwesa kukala ni kima kyenyeki ki kyamutokala. 24. Quem não consegue requerer um pertence alheio, é impedido de ter o pertence que não lhe diz respeito.

25. Lembwenu kudibana ni jibandi jiza kutunyana ni kutujiba. 25. Evitai relacionar-se com os bandidos que nos vêm roubar e matar.

26. Kana kufolokala mukwenu mukonda wanyana kambolo ka kudisa muxima we wabwila kya! 26. Não enforque outrem por ter roubado um pãozinho para alimentar sua alma cansada!

27. Ngandala kuya mu ngeleja, ni ngitene kubinga kwa Nzambi Tata bulu odizonda dina dyangikambe. 27. Quero ir para a igreja, para que possa pedir ao Senhor aquela força de que careço.

28. Ojingalufu jami ajinyana. 28. Os meus garfos foram roubados.

29. Ngala ni vondadi ya kuya ku 29. Tenho desejo de lá ir.

30. Nwolobanga jibuya javulu. 30. Estais a fazer muito barulho.

31. Odikalu dyami dyobe dyabudika mu kindala kyenyeki. 31. O meu carro novo partiu-se agora.

32. Ololojo yami ainyanene mazadina. 32. O meu relógio foi roubado antes de ontem.

33. Ombinza yakambe jimbotá ngiizwatami, ki ngitene kukala kala ngatanduka. 33. Não visto camisa sem botões, para não parecer como se estivesse rasgado.

34. Ohama yetu ki yabudika, kana. Yala hanji yamuvimba. 34. A nossa cama não se partiu, não. Ainda está inteira.

35. Odilasola dyenu dyatanduka mwaxaxi. 35. O vosso lençol rasgou-se ao meio.

36. Odikoloxa dyami dyakuku kya. 36. O meu colchão já está velho.

37. Osabi ya dibata dyami yajimbidila mu kindala kyenyeki. 37. Perdeu-se agora a chave da minha casa.

38. Kyoso ki wangimono, mwene wakwata kungilekela. 38. Logo que me viu, saudou-me. (Kuleka= Acenar com a mão em movimentos semelhantes ao de um leque).

39. Ngondokukexala kwa manyenu, ni ukale mukungixila. 39. Hei-de fazer queixa à tua mãe, para que fiques a respeitar-me.

40. Ungilembalalesa kyoso ki umumona wolokwiza kubeka we. 40. Faz-me lembrar assim que o vires a chegar sozinho.

41. Mutu wazediwa una unganyala kitadi kye sekukalakala, wixi kifumbe kyabeta mukufumana. 41. Uma pessoa feliz é aquela que ganha o seu dinheiro sem trabalhar, afirmou o mais afamado salteador.

42. Ngibane nzaba, nda ngisukule omilele iyi. 42. Dá-me sabão para que eu lave estes panos.

43. Ojifolofolo jami ajizulu mu mvula iyi yanoko. 43. Molharam os meus fósforos nesta chuva que choveu.

44. Oneka yami yezala menya. 44. A minha caneca está cheia de água.

45. Otina yami yatubuka yolobangesa menya kububa. 45. O meu barril (tina) está furado e está a fazer com que a água vaze.

46. Mu ngaveta yetu mwala mu ni kitadi kyavulu. 46. Há muito dinheiro na nossa gaveta.

47. Ngondosendela katubya kami, ni ngitene kuzuza kambiji kami kasalakalu. 47. Hei-de acender o meu foguito, para que possa assar o meu peixinho salgado.

48. Opiladi yabudika, anga yadibale boxi. 48. O pilar partiu-se e caiu para o chão.

49. Okitadi pe kyakexile mu mbaulu yonene, akinyanene mu usuku wasuku mwene maza. 49. Entretanto o dinheiro que estava no grande baú fora roubado na noite que ontem mesmo findou.

50. Mutu wenyo ngamusange wolotitila, mwene mwene wafu kindala! 50. A pessoa que encontrei a palpitar, é ela mesma que morreu agora...

51. Omuhatu amubingi ukaza waditunwe (de casamento). 51. A mulher a quem foi pedida para casar negou-se.

52. Wenji ubana nganhu, ni tutene kukalakala. 52. Negócio que dá ganho, para que possamos trabalhar.

53. Kunganyala kitadi kyavulu! 54. Ganhar muito dinheiro!

54. Ngasange silivisu ya kutekela menya. 54. Encontrei um serviço de acarretar água.

55. Odisau dyami dyondomateka kindala. 55. A minha lição vai começar agora.

56. Ngatambula disesa pala kutungila nzo yami. 56. Recebi licença para ir construir a minha casa.

57. Ojiselevende, lelu ki jyamoneka. 57. Os serventes não apareceram hoje.

58. Ojisabatu jami jatubuka moxi. 58. Os meus sapatos estão rotos em baixo.

59. Ngibangele hanji ofavolo ya kungitumisa jimbolo jiyadi. 59. Faça-me o favor de me mandar dois pães.

60. Eye wamusumbisa jisadinya, zanji boba, nda ungibane jisadinya jiyadi jafelesuku. 60. Tu, que vendes sardinhas, vem cá, para que me dês duas delas frescas.

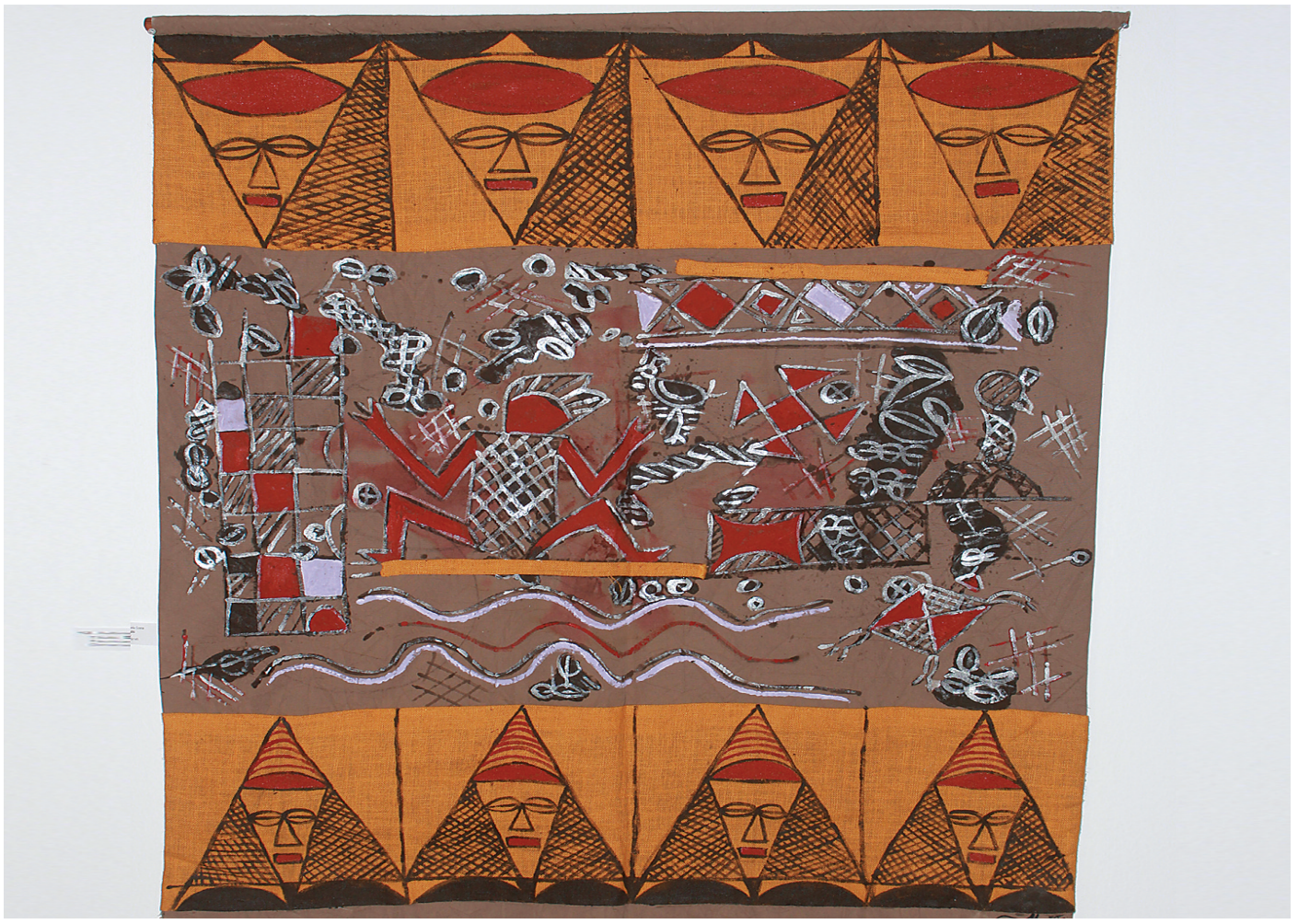
61. Kondonyenu dizunu dya mona ndenge dyatupila. 61. Limpai o nariz da criança que entupiu.

62. Atambi mwazanga mu Lwanda benyaba andala kusumba jinzolo. 62. Os pescadores da ilha de Luanda querem comprar anzóis.

Passeando pela gramática de língua portuguesa encontramos, nalgumas conjugações conjuntivas a conjunção SE.

63. Se eu quiser; se eu vier a querer, se eu vier a desejar. (1ª. Pess. sing. Do Futuro do Conjuntivo) tem correspondência em Kimbundu com: seme ngandala, seme ngondokwiza mukwandala; seme ngakakwiza mukwandala.

SE é a conjunção subordinada condicional que está presente na 1ª, 2ª. e 3ª pessoas do singular e do plural. Notamos de facto aqui um denominador comum, a conjunção SE, nas duas línguas que se supõe seja influência da língua portuguesa. Se eme ngakexile



Obra de Marcela Costa pd

bu, eme ngonzomubeta = se eu lá tivesse estado, ter-lhe-ia batido.

64. Há também a realçar, nas orações adversativas, a presença da conjunção coordenada adversativa MAS que em diversas ocasiões substitui o seu correspondente em Kimbundu, mas com uma imposição fonética desta que, em vez de MAS, passa para MAJI (conjunção adversativa) que não tem nada a ver com MAJI = azeite, óleo gordura.

65. No que diz respeito às orações conjuntivas negativas, mais concretamente às orações subordinadas finais negativas, embora não seja imprescindível, a conjunção subordinada final PARA pode aparecer, não sendo obrigatória. Sunga kilunji, pala ki akukaye dikanga (puxa pela consciência, para que não corram contigo para longe).

66. O substantivo colectivo MUNDU no sentido de toda a gente = todo o mundo, na expressão mundu woso udila nzala = o mundo chora de fome.

67. O substantivo parede = palelu (lumbu) é, amiúde, introduzido no discurso quando se quer dizer: **A PAREDE DA MINHA CASA PARTIU-SE,** vem: **OPALELU YA DIBATA DYAMI YABUDIKA.**

68. Na expressão Ne mwene umoxi (Nem um sequer) nota-se a conjunção nem penetrar na forma NE. Ojikaju ajizubu, ne mwene umoxi ngo angixisa. (Acabaram com os cajús e nem um só deixaram para mim.)

69. Odikovi (sing) didi dyene dyabeta kukula. 69. Esta couve é a mais crescida.

70. Omakovi mana mene malembwa kukula. 70. Aquelas couves são as que não conseguiram crescer.

71. Omata mala hanji mofele. 71. O tomate ainda está pequeno.

72. Ojimata jabolele kya. 72. Os tomates já se estragaram.

73. Osabola yabolo kana kwilamba. 73. Não cozinhes cebola deteriorada.

74. Ojisabola jisanzesa woso ujidila. 74. As cebolas fazem curar quem as come.

75. Oloso ki lwabye lwa: kingenu hanji kofele fele ngo. 75. O arroz ainda não está está cozido: esperai um pouco.

76. Ojimbatata ngajisumbu kya. 76. Já comprei as batatas.

77. Ovindangele yabu kya mu kindala kyenyeki. 77. O vinagre acabou precisamente agora.

78. Mingedye, ngibangele hanji kamuzonge. 78. Miguel, faz-me um caldo.

79. Nga Nzwa we, udyanga kudidika hanji o wanda we watanduka, hanji ya kuditela mu sambwa wa kalunga. 79. Ó Sr. João, deves, em primeiro lugar, arranjar a tua rede de pesca que está rasgada, antes de ir para o alto mar.

80. Oloza dya mona ndenge wixi wala ni tambi. 80. A Rosa, a mais nova, disse que tem óbito.

81. Martinjye, za ungitangele maka mabiti maza, 81. Ó Martins vem contar-me o que se passou ontem.

82. Kyoso ki wabixila Antonho, mwene waditakula bu hama wabwila kya ni kukalakala kyavulu. 82. Quando o António chegou atirou-se na cama cansado de tanto trabalhar.

83. Nga Mbaxi wolodikola. 83. O senhor Sebastião está a gritar.

84. Mingeeeh, zanji boba. 84. Domingas, chega aqui.

85. O Julite wejile ni kibandu kye ku mutwe. 85. A Judite veio com o seu balaio à cabeça.

86. O Ada, mona a difundu. 86. O Adão, filho do defunto.

87. O Madyu, kasule ka pangyetu ya dikota, exi watundu ku bata. 87. Dizem que o Mário, o mais novo do nosso irmão mais-velho, saiu de casa.

88. O Antonhiku pe, mutungidi wa mabata. 88. O António, o arquitecto.

89. O Manwele mwenyo pe, mwene mwene wabeta kwijiya kutanga. 89. O tal Manuel, esse mesmo, é o que melhor sabe ler.

90. Tundisenu mutu wenyo wadibale mu dibulaku dyenyedi. 90. Façam sair a pessoa que caiu nesse buraco.

91. Woso ungisombola, ngimubula petu. 91. Parto o peito a quem me provoca.

92. Mutu wafwama kupulumala o kifwa kye kyoso. 92. Uma pessoa deve aprumar toda a sua personalidade.

93. Kutanduke odivulu dyami. 93. Não rasgues o meu livro.

94. Lembwa kudizudisa ni pelefume. 94. Evita encharcar-te de perfume.

95. Mutu ukala mukunganala akwenu amwixana mutondadi. 95. Quem se põe a enganar os outros é designado aldrabão.

96. Ngatala okatukutuku okyo, ki kalunduke ku tandu dyami. 96. Engata essa viatura, para que não caia sobre mim.

97. Ngibekele hanji jipeleku ni ngizube kutunga okanzo kami. 97. Traz-me pregos, para que acabe de construir a minha casinha.

98. Oxibulu dyami dyeza kindala yene imwene kumulongesa kutanga ni kusoneka. 98. O meu discípulo, que agora chegou, é o que costumais a ensinar a ler e a escrever.

99. Kolokotesenu ojinzo jenu mukujitungila ni jifelu jambote. 99. Fortificai as vossas casas construindo-as com ferro de boa qualidade.

100. Ndenu mwazanga mu Lwanda ni mutambule wanga wa Karnavale! 100. Ide à ilha de Luanda para que possais receber o feitiço de Carnaval!

Ndaka Yo Wiñi canta "Olukwembo"

Entre a rítimica bantu e a universalidade afro-jazz

JOSÉ LUÍS MENDONÇA

O jovem cantor Ndaka Yo Wini fez a apresentação do seu primeiro álbum musical, "Olukwembo", no passado dia 25 de Agosto, no Mausoléu Dr. António Agostinho Neto. Para o comunicólogo Celso Malavoloneke, na sua apreciação no Facebook, este disco de Ndaka representa "o casamento insólito, atrevido e harmonioso entre a musicalidade da nossa matriz antropológica Bantu e Umbundu, com a universalidade do afro-jazz."

Ndaka Yo Wini com o olukqwembo na mão

Ismael Mateus, na apresentação

Khris Kasindjombela (baixista e co-produtor da banda)

Jackson Saka (bateria, vocalista e responsável da banda)

O apresentador do disco, Ismael Mateus, considera que "a palavra de Ndaka cumpre a sua missão social de fazer sentir, fazer viver e fazer renascer. Toca-nos a todos, mesmo os que não conhecem a língua em que canta. Compreenda-se ou não a sua língua, Ndaka nos faz sentir, viver e renascer porque é linguagem da alma, que é algo que se vive, muito mais do que se diz.

Nos tempos actuais de um certo discurso do regresso e do resgate de valores, a música de Ndaka posiciona-se de modo mais avançado, muito mais evoluído, sem ter a pretensão de ser uma "musicalidade autenticamente nacional", mas também sem cair no equívoco da aculturação."

Segundo confidenciou ao colaborador do jornal Cultura (Rúbio Praia), Olukwembo, "é uma música composta pela minha avó e minha mãe em 1954. Eu canto com a minha mãe nesta música. Ela é que faz a abertura."

Por isso, Ndaka Yo Wini faz todas as suas aparições em público munido de Olukwembo (cabaça com a função de bebedouro): "Olukwembo é uma herança que me foi dada pela minha avó, isto representa a minha ancestralidade..."

O artista interpreta as suas composições em Umbundu, tendo como matriz o género lundongo (canções de roda do Sul de Angola) fundido com os estilos sungura, afrosoul, kilapanga, jazz, blues, funk, bossanova e reggae.

Este primeiro trabalho discográfico levou 4 anos de execução e contém 11 faixas musicais, gravadas em quatro países, nomeadamente Angola, França, Canadá e Portugal.

Formado em Engenharia de Petróleos, Ndaka é vencedor do prémio Top Rádio Luanda 2016, na categoria de Afro Jazz.

Ndaka Yo Wiñi, que significa "a voz do povo", é o nome artístico de Adriano Dokas, nascido aos 5 de Janeiro de 1981, no Lobito, província de Benguela. A sua carreira, baseada na conservação das tradições, começou em 2001 e durante os anos que se seguiram participou em vários concertos nacionais e iternacionais.

Mestre Daú Roger (percussionista e conselheiro)

Celso Malavoloneke

Participou em várias actividades, com realce para actuações na "Expo Milão" em Itália, no "Marco's African Restaurant" em Cape Town – África do Sul, "Encontro com a África" no Brasil, entre outros pontos do mundo como Portugal e Estados Unidos da América (EUA).

O jornal Cultura vai dedicar ao artista Ndaka Yo Wini, na sua próxima edição, um trabalho de recensão crítica mais apurado sobre este disco.

Moz Lubanzadio (tecladista e produtor da banda)

Rua dos Mercadores erguida do esquecimento

O SECRETARIO DE ESTADO da Cultura, João Constantino, descerrou, no passado dia 23 de Agosto, a placa que atribui à velha Rua dos Mercadores o estatuto de património histórico e cultural, classificada pela Portaria nº 9689-B.O. 7 de 13-02-1957.

A data foi bem escolhida por coincidir com o Dia Internacional da Abolição da Escravatura. A restauração da rua foi promovida pela Campanha Reviver, que este ano comemora 10 anos, e é uma parceria entre a Associação Kalu, o Centro de Estudos e Investigação Científica da Universidade Lusíada e o Centro Cultural Brasil – Angola.

O local recebeu uma vasta programação de literatura, pintura, cinema, fotografia, música, gastronomia e outras formas de expressão, relembrando também o tema do comércio de escravos, despertando na vizinhança e nos transeuntes o património como sua pertença.

A Rua dos Mercadores situa-se à baixa da cidade entre o beco da Sé e a antiga rua Manuel Cerveira Pereira, muito próximo ao largo do Pelourinho (bairros dos Coqueiros).

A Rua dos Mercadores nasce nos finais do século XVII e princípios de XVIII, num período em que a actividade mercantil conhece um incremento excepcional tendo ela sido totalmente ocupada por negociantes. Daí que o traçado dos seus edifícios tenha ganho a influência da actividade principal dos seus proprietários.

As casas da rua eram, na sua generalidade, do tipo sobrado, em que o seu uso correspondia, regra geral, a uma distribuição funcional específica: tinham o piso térreo para o comércio e o piso superior como residência senhorial. Essas casas possuíam vastos quintalões que eram utilizados para o armazenamento dos escravos arrancados do interior da colónia para serem evacuados para as américas através do porto de Luanda.

O secretário de Estado descerrando a placa

Interagindo com os artistas

Em 1957, a Rua dos Mercadores tinha sido classificada como sendo um Imóvel de Interesse Público, por ser uma das mais antigas e já raras artérias da cidade que, conservando alguns exemplares da arquitectura tradicional do passado, sugere ainda a antiga fisionomia e características dos primitivos arruamentos de Luanda velha.

A direcção da Campanha Reviver, fundada por Ângela Mingas e Cristina Pinto, pretende, com esta obra, continuar a divulgar a história da cidade de Luanda e contribuir para a formação de cidadãos conscientes e esclarecidos.

A campanha Reviver é uma organização sem fins lucrativos que segue o lema "Recuperar, requalificar, reabilitar por uma Luanda com alma". Em 10 anos de existência e de actividades, a organização tem sido persistente no trabalho de sensibilização para a importância da protecção do património da cidade de Luanda.

Esta iniciativa visa sensibilizar a população sobre o tema da preservação do património, através de apresentações ao público, acerca do património classificado em risco de extinção e ainda dar o arranque à promoção do turismo cultural através de passeios guiados pelo centro histórico da cidade.

Ao mesmo tempo, de acordo com uma nota partilhada com a imprensa, têm sido realizadas conferências de divulgação, pesquisas históricas, arquitectónicas e a partilha dos seus objectivos.

Segundo a professora Cristina Pinto, representante da Associação Kalu, a actividade surge da necessidade de se ter uma cidade mais recuperada, reabilitada e melhor, sensibilizar a população, a nossa sociedade e "a nossa governação, para que nós não percamos a memória na nossa cidade".

"Costumamos organizar palestras, fazer visitas turísticas ao centro histórico com guias, passeios com as pessoas, principalmente com os luandenses e também estrangeiros, para mostrar um bocado da nossa cidade e a sua identidade cultural".

Por sua vez, Susana Matos, arquitecta, afirmou primeiro temos que reconhecer que temos que olhar para um património, o que não é uma tarefa fácil, "principalmente com a crise que estamos a viver, mas é fácil reconhecer este património, e vale a pena investir nele, no sentido de dar-lhe um bom uso para restituir a vida da arte".

A também directora-adjunta do Centro de Investigação Cientifica da Universidade Lusíada de Angola referiu que, com esta actividade, vai ser possível mostrar uma nova imagem, fácil de ver, acessível, uma demonstração do que é possível fazer para melhorar este património.

Placa comemorativa

Público presenteAnimação cultural

Animação cultural

Breve Resenha Crítica

Poeta dinamarquês traduzido em português

NIELS HAV

Com uma dezena de livros publicados, entre poesia e contos, o autor dinamarquês revelou ao Jornal Cultura a felicidade de ser traduzido pela primeira vez em português. Niels Hav lembra que África "é um continente rico com uma infinidade de idiomas e culturas", mas reconhece que "a ignorância europeia da literatura africana é extensa".

GASPAR MICOLO

Niels Hav é um poeta dinamarquês considerado uma das mais importantes vozes da poesia nórdica contemporânea. Traduzido em mais de 10 línguas, o autor está a ser publicado em português pela primeira vez numa obra lançada em Agosto, no Brasil, pela editora Penalux.

A obra "A alma dança em seu berço" traz uma colectânea de poemas que abordam o envelhecimento e a existência com humor e serenidade. São poemas contemporâneos, numa linguagem moderna, por vezes crua, mas sempre afiada. "O que salva o livro de ser uma abordagem ácida sobre a vida é justamente a capacidade de Niels Hav de balancear essa dureza com a sua capacidade de ver a beleza e o humor nas coisas", avalia Tonho França, poeta e editor da Penalux.

"A crueldade da vida é que todos nós vamos morrer", sentencia Hav, "mas a alma humana ainda é jovem e curiosa sobre o futuro".

Para Niels Hav, a felicidade física não é nenhum crime, e a alegria, sendo tão frágil, deve ser usufruída com intensidade antes que se dissipe na crueza dos dias. "A vida é uma jóia preciosa. Uma felicidade e melancolia permeia o cosmos".

Niels Hav revelou por e-mail ao Jornal Cultura que ser traduzido para o português "é uma grande coisa", é ainda "como se apaixonar de novo, ter uma nova namorada e juntar-se a uma nova família com uma cultura diferente e outras tradições".

O poeta dinamarquês sente-se orgulhoso por se traduzido numa "das principais línguas do mundo, com tradições orgulhosas em poesia", não admira que os dois dos nomes mais importantes poetas na sua cabeça sejam o português Fernando Pessoa e o brasileiro Carlos Drummond de Andrade. "Cada um no seu próprio continente, e muito diferentes - ainda que tenham em comum uma melancolia e uma profunda saudade, que podem fazer parte da língua portuguesa. Sonhar, viajar, saudade são elementos essenciais da alma portuguesa", diz.

Apesar da distância, Niels Hav tem muito a dizer sobre África. O poeta revela que, há alguns anos, participou da Poetry Africa, em Durban; evento que lhe permitiu conhecer muitos escritores africanos. "E tenho boas lembranças de poetas fortes como os sul-africanos Kobus Moolman e Rustum Kozain", avança. "E alguns poetas africanos destacados que trabalham a tradição da palavra falada, muito diferente do meu fundo. Muitos poetas africanos são óptimos artistas. A minha poesia é mais uma conversa íntima com o leitor individual. Tenho grande respeito pela tradição africana, onde o poeta usa todo o corpo, não apenas a voz. A dança é uma forma diferente de comunicação, eles sabem mais sobre isso em África e no Brasil".

Niels Hav, que se estreou na literatura em 1981 com a publicação de um livro de contos e no ano seguinte publicou o seu primeiro livro de poesia, lembra que África "é um continente rico com uma infinidade de idiomas e culturas", mas reconhece que "a nossa ignorância europeia da literatura africana é extensa". "Wole Soyinka foi agraciado com o Prémio Nobel, o que causou alguma atenção. Temos uma selecção da poesia de Agostinho Neto na tradução dinamarquesa. Chinua Achebe tem igualmente boas traduções", diz.

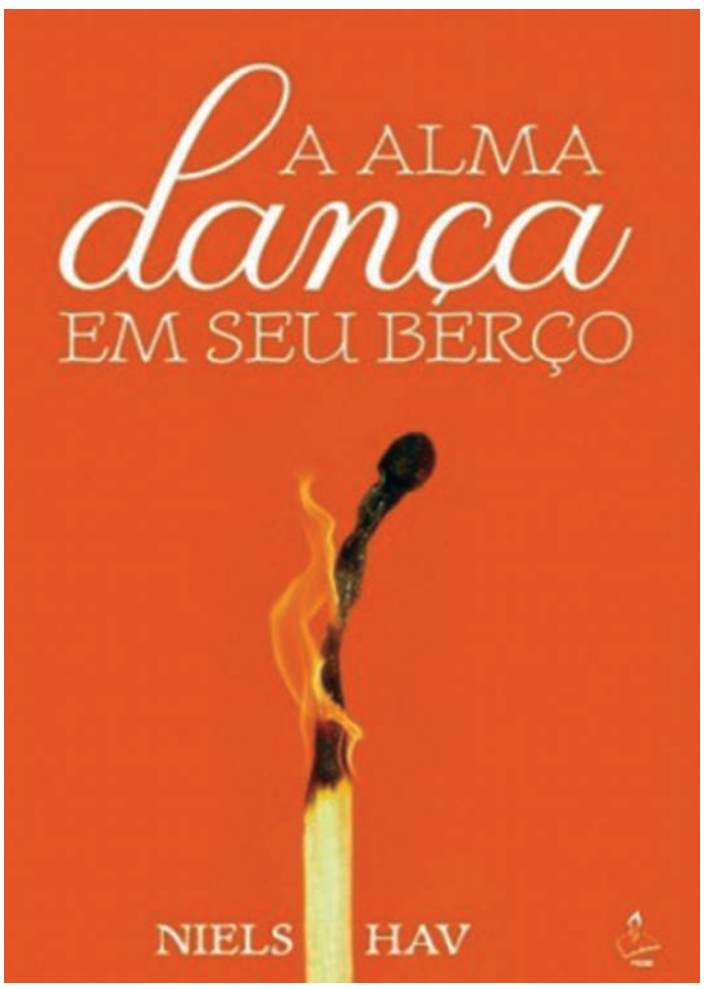
O autor dinamarquês revela ainda que conheceu o poeta zimbabueano Chenjerai Hove (1956-2015) que vivia exilado na Noruega. "Os escritores Seedy Bojang (gambiano), Tendai Tagarira (zimbabueano) e Noufel Bouzeboudja (argelino) estão exilados aqui na Dinamarca, apoiados pela Rede Internacional de Cidades de Refúgio (ICORN), uma organização independente de cidades e regiões que oferece abrigo a escritores e artistas em risco, promovendo a liberdade de expressão, defendendo os valores democráticos e promovendo a solidariedade internacional".

O jovem autor baiano Matheus Peleteiro, que assina a tradução ao lado de Edivaldo Ferreira, escreve: "Basta um mero olhar de soslaio sob os poemas de Niels para perceber que a sua poesia pulsa. Desde as primeiras linhas da obra, faz-se evidente a sofisticada sensibilidade que o autor carrega por trás de cada verso, merecendo destaque a sua pungente – e ao mesmo tempo subtil – profundidade ao explorar e se divertir com as contradições oriundas das emoções humanas".

Nesse sentido, os poemas do autor dinamarquês carregam um pouco de serenidade estóica, na sua aceitação da vida tal como ela é: doce e ao mesmo tempo cruel; carregada de beleza, mas ainda assim capaz de nos desferir duros golpes. O poema "Epigrama" dá uma dimensão dos predicados da poesia de Niels Hav: Podes passar uma vida inteira/ em companhia de palavras/ sem que encontres a adequada. / Tal como um peixe miserável/ embrulhado em jornais húngaros. / Por um lado, está morto, por outro, não entende húngaro.

Niels Hav reconhece pertencer ao cenário literário da Dinamarca, mas nunca sentiu que fizesse parte de alguma geração ou movimento dentro da poesia dinamarquesa. "Cheguei aqui com experiências completamente diferentes das que os poetas urbanos vivem. Lembro-me como fiquei contente quando conheci os poemas Ted Hughes e Seamus Heaney, por exemplo, eles escreviam sobre espaços mais amplos, além da periferia urbana e sobre experiências com a natureza e com animais que eu podia rapidamente identificar", diz o escritor que, apesar de ter nascido na cidade de Lemvig, no oeste da Dinamarca, foi na capital Copenhaga que se estabeleceu, onde vive até os dias actuais. "O dever primário da poesia é ser uma conversa íntima com o leitor sobre os mistérios mais profundos da existência", insiste.

Niels Hav acredita que a poesia é destinada a todos, já que "poemas são endereçados a qualquer pessoa", enquanto o ofício, a prática diária de escrever poesia, "(...) não é para covardes". "Trabalhar nesta área pode requerer coragem e perseverança. E uma disposição a renunciar o lirismo individual e o sentimentalismo desenfreado, que sempre ameaçam sufocar a poesia. Uma peculiaridade dos bons poetas: todos os poemas maus que eles nunca escrevem", diz o poeta que, em "Em defesa dos poetas" revela a dureza do ofício: O que devemos fazer com os poetas?/ A vida é dura com eles/ eles parecem tão deploráveis vestindo de preto/ a sua pele azulada por nevascas internas./ Poesia é uma doença terrível/ o infectado caminha entre lamentos/ seus gritos poluem a atmosfera como vazamentos/ de usinas nucleares da mente. É tão psicótico./ A poesia é uma tirana/ mantém as pessoas acordadas à noite e destrói casamentos/ atrai pessoas para cabanas solitárias no meio do inverno/ onde elas ficam a sofrer usando protectores de ouvidos e grossos cachecóis./ Imagine a tortura.



O preço da liberdade por um perpétuo escravo

EMANUEL ALASVIDA

FOI NA NOITE que o frio beijava apaixonadamente o ambiente místico da prece, lá chegava o negro maltratado, a passos certos, que eram marcados na incerteza da noite, porque escura se encontrava a sua alma, no calabouço das trevas. A luz que julgava ser a verdade da razão, era a árvore dos espíritos, que sem boca enem ouvido, não falava e nem ouvia, não ouvia e nem via, mas era o oleiro da existência dos homens e dela dependiam o curso dos rios, o cair sonolento de uma folha desmembrada duma árvore qualquer, a chuva, o vento, até o crescer do milho no campo e ainda a vitória dos grandes guerreiros carecia de uma bênção de quem nem boca tinha.

O negro maltratado, farto com a vida de ser escravo, atordoado e exposto novamente aquele relento, aconchegou se à árvore como de hábito. Lentamente, porque quase não conseguia dobrar os joelhos doridos. Finalmente de joelhos oferecia suas últimas lágrimas ao pé da árvore do espírito dos antepassados.

Kundu, kundu, kundu, passos de um guerreiro mal-educado, e ainda por cima agrilhoado àmitologia, até a grosseria com que andava escarpava caminhos no meio do mato, onde o capim jamais crescia.

Pá, pá, pá, pá.Palmas soaram. O silêncio parecia ofendido, portanto, se retirava da capela.

— Ó velha Xinta, cheguei! Berrou um homem forte vestido de tanga e com um bastão forte nas mãos.

— Curro! Curro! A deusa da capela roncava em sono profundo.

— Já cheguei, já cheguei, já cheguei! Gritava angustiadamente o mal-educado, parecia estar num confronto fatal contra as forças inimigas. Pelo contrário, eram gritos de socorro, embora fosse um guerreiro, haviam sombras no seu caminho que não conseguia dissipar. Eram correntes mais fortes que os da escravidão corporal, era a escravidão perpétua duma alma acorrentada na aflição insolúvel por sua cegueira humana.

Partam! Visitas não chegavam há muito com uma boa educação. Um deles era o tal guerreiro forte que estava aí fora da capela, importunandoconstantemente o sono profundo da velha curandeira. Mas desta vez, não procurava vitória contra os seus inimigos; na verdade era outro, e talvez ele mesmo fosse o seu próprio problema.

— Acorda, senhora deusa, acorda ó velha Xinta, não consigo me sentir homem. Não consigo sentir os meus órgãos…não consigo confrontar outros homens. Não posso, os mundeles me apanham no meu estado de fraqueza, me lincham e depois me mandam forçadamente ter com os meus ancestrais, juntar-me a eles comendo terra. Mas isso é que não pode acontecer. Não os posso dar esta graça de zombarem de um guerreiro das terras negras. O meu problema é grave, mas sei que me podes dar a solução. Concluiu.

— Oh forte do Luangu, a deusa sentiu a tua aflição desde lá por onde vinhas. Já queimavas com a força da tua aflição o último capim que tinha sobrado na aldeia. Um guerreiro é sempre cheio de esperanças. Aguarde, vou ouvir o que os deuses têm a dizer acerca disso. Com estas palavras lhe recebeu a curandeira.

Preces e preces, a curandeira adormeceu outra vez! Kixi, kixi, kixi, kwa, kwa, kwa. Onomatopeica com os deuses, quase acordava o maior diabo debaixo do horizonte…os xitembes e os do kemba que gostavam de domar os guerreiros, torná-los seus escravos e por fim, possuir a terra. Aquela hora era certamente uma hora de vingança contra qualquer inimigo e do alcance dos segredos profundos como do coração do rio.

— Vai logo, encosta te ali. Apontou no escuro por onde estava o negro maltratado, há horas que não sentia algum cheiro do calor humano, só o vegetal lhe rodeava cegamente.

— Onde? Perguntou ele.

— Ali perto daquela árvore. Esclareceu. Indicou-lhe à vista da capela onde jazia a árvore das soluções. Lá estava em prece interminável o negro maltratado.

Sentiu uns passos, e num dos ângulos dos sexto sentido, apercebeu-se que alguém estava a se aproximar. Os passos do guerreiro aflito carregavam medo inevitável ao coração do negro maltratado, que batia mais forte que uma corrida de cavalos, por quanto mais barulho produziam. Num instante, julgou ser a resposta das suas preces, mas pela forma como o pequeno clarear da lua descrevia a estatura do homem que vinha a uma curta distância, pensou que seria uma resposta de morte.

— Ai! Ai! é agora! Exclamou em gémidosinespremíveis enquanto mordia irracionalmente os dedos da mão. —NganaNzambiwa zulu por favor, deixe o teu servo morrer na terra donde lhe tiraste. Implorava à árvore com os olhos possuidos de medo ao homem que vinha em sua direição. Talvez doutro modo, julgou ser um nkuia.

Perto da árvore das soluções, a pequena luz apresentou o guerreiro claramente aos olhos esguichados do maltratado.

— Afinal és tu, ó guerreiro do Luangu! Exclamou ele assustado. Respirava fundo, o coração quase saía por fora.

Todos aí conheciam o guerreiro, pela sua bravura e mal educação, mas da sua fraqueza ninguém sabia.

— Então o que fazes aqui, senhor guerreiro? Perguntou-lhe o negro maltratado na embriaguez do susto pregado.

Ficou surpreso o guerreiro do Luangu. Não esperava encontrar aí outra pessoa que o conhecesse. Vir de vez em quando consultar a velha curandeira era o seu segredo mais profundo, e nunca queria que alguém o soubesse.

Pôs o seu bastão na terra e ajoelhou-se calado ao pé da árvore onde estava o maltratado.

E de repente perguntou, — Há quanto tempo estás aqui homem da aldeia?

— Desde que sou um escravo. Respondeu amargurado.

— O que procuras então? Perguntou-lhe o guerreiro. Continuou a falar. —Eu, falava o guerreiro, …fui indicado aqui pela velha curandeira para encontrar a minha solução.

— Um guerreiro não tem problemas senão com a paz do seu povo. Que problemas mais estariam a comer por dentro a alma negra de um guerreiro? Tu e os teus companheiros de batalha afugentaram os inimigos que tentaram apoderar se das vossas terras, fugiram e nunca mais voltaram. Disse o negro maltratado.

— Mas eles prometeram voltar. Corrigiu-lhe o guerreiro. Mandaram mensageiros levar palavra à aldeia inteira, dizendo que se não negociarmos dentro de duas luas, as nossas maninhangas serão incendiadas e se expropriarão das nossas mulheres e filhos e nós seremos seus escravos.

— Mas tu és um guerreiro, não deves temer a batalha. Eu sou um simples escravo, longe da família. Venho das terras do Vumba, donde fui levado

cativo, e agora estou aqui a comando de um xitembe, padecendo de fome e sede, sem direitos, nem sei quando voltarei a ver a minha família do outro lado, do lado oposto ao poente.

— Quem é o teu dono? E onde fica a tua tenda? Perguntou-lhe o guerreiro.

— Perto do rio. Continuou. Não o rio do Luangu, o daí do Mubaxi. Eu tenho vindo aqui já a um bom tempo. Conheci esta árvore por meio de um outro escravo quando também me tornei um.

— E tu fugiste da tua tenda neste momento?

— Não, não fugi. O nosso Xitembe tem homens por todo lado, bordando os rios e os caminhos da mata, só aqui eles não conhecem. Mas não posso ficar aqui por muito tempo, devo voltar ao meu trabalho das terras logo pela manhã.

— E como chegou até aqui? Tornou a perguntar-lhe o guerreiro.

— Um outro escravo foi quem me deu a cobertura, e já deve estar com a corda no pescoço à minha espera, devo voltar logo, antes que ele seja linchado por minha causa se o controlador souber disso.

— Não, espera. Não podemos voltar assim. Somos irmãos. Se a velha nos mandou vir cá é porque a solução deve estar por algum lugar mesmo aqui. Disse o guerreiro no crivo da crença.

— A minha solução é a liberdade. A

solução de todo escravo é retomar a sua liberdade. Eu só quero a minha liberdade e por ela daria o que for preciso. E aqui eu não encontro a liberdade a menos que a minha alma se refrigere nas preces ao Nzambiwa zulu até que eu encontre o caminho de sair daqui e voltar para minha terra.

...Naquela noite, os dois aflitos decidiram encontrar a solução dum e do outro.

A luta estava a se aproximar à povoação do Luangu, e o guerreiro precisava se sentir homem para lutar contra os outros homens e dar vitória ao seu povo novamente. E o negro maltratado precisa voltar a sua terra e ver a sua família, precisava mais que tudo a sua liberdade impossível.

Segundo reza a tradição, ali mesmo debaixo daquela árvore, a solução para todos os problemas era encontrada.

Então eles estavam presos na oração à tradição da maneira como entendiam a tradição. Mas os antepassados que ditaram a tradição sempre foram felizes nas suas doutrinas, nos seus alicerces, embora que os homens do futuro não a entendam como deva ser; a tradição deve ser resultado de uma interpretação corrigível feita pelos homens sábios e não pelos tolos.

O guerreiro do Luangu, apesar das vitórias que concedia ao povo pela sua mão forte como segurava o bastão e outros instrumentos de combate, não tinha crescido com os pais e por isso não tinha sabistania, era orgulhoso e gritava até com os mais velhos da aldeia, dava represálias a quem quisesse. Estes, o não podiam fazer nada porque temiam a sua força. Mas num dia foi castigado com a perca dos seus órgãos, e ali estava a sua fraqueza como homem.

Voltaram juntos até a capela.

— Senhora curandeira, nós encontramos a solução. Disseram ambos, cheios de ânimo.

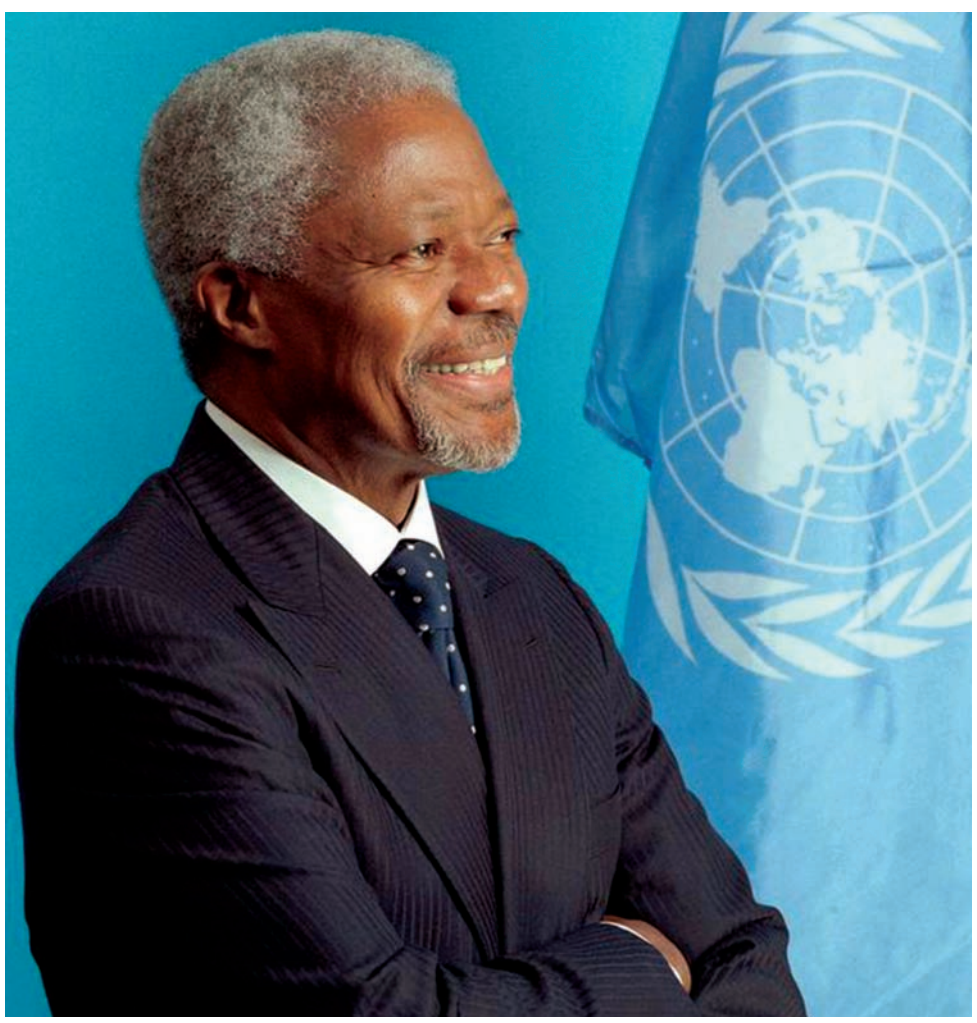
A solução foi que o negro maltratado aceitou doar os seus órgãos ao guerreiro, para este ir salvar o seu povo e o guerreiro conseguir fazer o negro escravo escapar e fugir de volta à sua terra.

A curandeira aceitou a ideia. Naquela mesma noite se fez a operação . E tão logo às madrugadas do dia seguinte, as feridas já estavam curadas, o guerreiro ergueu-se, já homem, segurou no seu bastão e livrou uma batalha contra os homens do xitembe que se encontravam na parte nascente da capela da curandeira e fez fugir o negro escravo e este voltou à sua terra separado por um rio que conseguiu atravessar por meio de pau a pique.

Daí o negro retomou a sua liberdade e o guerreiro reconheceu que a solução de um problema pode estar onde não julgamos e com quem não imaginamos, e que os outros nos completam por quanto tambémexistem pela metade.

"Mas a liberdade tem um preço difícil de se imaginar." Disse o negro escravo enquanto partia.

Kofi Annan
"uma força motora para o bem"



Ex-secretário-geral da ONU, Kofi Annan

A ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES Unidas lamentou a morte do ex-secretário-geral Kofi Annan, que morreu após uma breve doença, a 18 de Agosto deste ano. O reconhecido diplomata de Gana tinha 80 anos de idade.

O actual secretário-geral da ONU, António Guterres, lembrou que ele era "uma força motora para o bem" e "um orgulhoso filho da África que se tornou um defensor mundial da paz e de toda a humanidade".

"Como tantos outros, eu tinha orgulho de chamar Kofi Annan um bom amigo e mentor. Fiquei profundamente honrado pela sua confiança ao me seleccionar para servir, sob sua liderança, como Alto Comissário das Nações Unidas para os Refugiados. Ele é alguém a quem sempre pude recorrer para aconselhamento e sabedoria - e sei que não estava sozinho", afirmou Guterres em comunicado.

"Ele deu a muitas pessoas, em muitos lugares, um espaço para o diálogo, um lugar para a resolução de problemas e um caminho para um mundo melhor. Nestes tempos árduos e turbulentos, ele nunca parou de trabalhar para dar vida aos valores da Carta das Nações Unidas. O seu legado permanecerá como uma inspiração verdadeira para todos", assinalou o secretário-geral.

Para Guterres, Kofi Annan era a ONU: "Ele trilhou a carreira para liderar a Organização no novo milénio com inigualável dignidade e determinação".

Nascido em Kamasi, Gana, em 8 de Abril de 1938, Kofi Annan entrou no sistema ONU em 1962 como oficial administrativo e orçamentário na Organização Mundial da Saúde, em Genebra, avançando na carreira até postos mais altos em áreas como finanças, orçamento e manutenção da paz. Foi secretário-geral por dois períodos consecutivos de cinco anos, a partir de Janeiro de 1997.

O presidente da 72ª Sessão da Assembleia Geral, Miroslav Lajčák, recordou que Kofi Annan era um dos mais respeitados diplomatas do mundo - "um extraordinário estadista e um visionário defensor do multilateralismo". "O vencedor do Prémio Nobel da Paz tinha profunda convicção no diálogo, comprometido defensor da paz, do desenvolvimento e dos direitos humanos", afirmou.

MASALA, O LEOPARDO Nº17 Por: Lito Silva

O CANTO DE LUSUNZI

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

CURSO DE BANDA DESENHADA
INSCRIÇÕES ABERTAS
NA CASA DAS ARTES

HORÁRIO DA SECRETARIA
Das 10h às 18h, de segunda a sábado
Morada Talatona Via 5

contacto
(+244) 996660065
casadasartesluanda
info@casadasartesluanda.com

Curso intensivo semestral
Coordenação Pedagógica

© CismaComics

CASA DAS ARTES